

EDUCAÇÃO E A AFETIVIDADE NO PROCESSO DE ENSINO-APRENDIZAGEM¹

Marcilene Rodrigues da Silva²

Elisônia Carin Renk

Resumo: *O presente trabalho tem como objetivo analisar o conceito de afetividade e sua importância no processo de ensino aprendizagem e nas relações professor aluno, sendo a afetividade fundamental para que se possa desenvolver uma prática pedagógica eficiente, podendo, tanto influenciar como determinar o sucesso do aluno na vida escolar e em sua vida futura. Esse artigo nos atenta para uma reflexão sobre a prática do professor em sala de aula tendo o afeto como ferramenta a seu favor, fazendo de suas aulas prazerosas, proporcionando incentivo aos estudantes. O professor não transmite apenas conhecimento, mas também media, fazendo com que aconteça uma relação de troca, sendo esta permeada por afeto despertando interesse dos alunos em buscar novos conhecimentos, pois os mesmos sozinhos não o despertam pelo aprender. O mesmo se ampara em pesquisa bibliográfica, onde a fundamentação teórica se fundamenta em teóricos que comentam sobre a necessidade da afetividade na vida do ser humano e análise e observação de alunos dos primeiros anos do Ensino Fundamental das escolas municipais de Campo Erê-SC. Os dados coletados evidenciam que a afetividade realmente tem grande importância e que além de mediar o aprendizado torna possível melhorar as relações interpessoais, fortalecendo os laços de amizade e respeito.*

Palavras-chave: Afetividade. Educação. Ensino-Aprendizagem.

INTRODUÇÃO

O presente artigo tem por finalidade cumprir exigências do Curso de Pós Graduação em Educação e a Interface com a Rede de Proteção Social da Universidade Comunitária da Região de Chapecó (UNOCHAPECÓ) de São Lourenço do Oeste. A elaboração nos instiga analisar e conceituar a educação e a afetividade, abordando os seguintes temas: Como definir a educação? Afetividade o que é? A afetividade na relação professor e aluno. E o papel da afetividade no processo ensino/aprendizagem.

Este texto foi elaborado a partir de base teóricas de diferentes autores, na prática pedagógica cotidiana e em experiências vivenciadas em sala de aula nas escolas municipais de Campo Erê SC, através da experiência cotidiana, buscou-se a compreensão da influência e da relação que a afetividade tem no processo de ensino aprendizagem, no desenvolvimento do ser humano e sua importância no ambiente escolar e na relação professor/aluno.

A afetividade acompanha o ser humano durante toda sua vida e desempenha um importante papel no seu desenvolvimento e em suas relações sociais. Sabemos que o ser humano precisa de carinho, cuidados, atenção e estímulo. Abordar o tema afetividade é relevante, pois ela é necessária para a vida e essencial para a construção de relações saudáveis entre os indivíduos.

¹ Artigo produzido para a Pós Graduação *Lato Sensu* em Educação e a Interface com a Rede de Proteção Social, para obtenção do título de especialista. Sob a orientação da professora Me. Elisônia Carin Renk, professora adjunta do curso de Serviço Social, vinculada a área de Ciências Humanas e Jurídicas da UNOCHAPECÓ e Assistente Social do INSS.

²Graduada em Licenciatura Plena em Pedagogia e acadêmica do Curso de Pós Graduação em Educação e a Interface Com a Rede de Proteção Social- Unochapecó-São Lourenço do Oeste.2015.

Na educação percebe-se a necessidade de incluir a afetividade como parte do currículo escolar devido ao percentual de crianças que convivem com uma família desestruturada, a qual não possui condições de propiciar a criança momentos afetivos, nos quais ela possa demonstrar seus medos, frustrações e através da afetividade superar tais limitações. Situação esta que aos poucos vai dificultando seu convívio em sociedade e mudando sua personalidade, dificultando a interação social com os colegas e professores, prejudicando assim seu desenvolvimento e aprendizagem.

Ao analisar os alunos das escolas municipais de Campo Erê, nota-se que alguns desses, necessitam de um maior envolvimento com a sociedade, mais acesso a programas de apoio as famílias e estudantes, resgatando em cada um a autoestima/autonomia e descobrindo o potencial individual de cada criança, para que estes consigam relacionar-se com os demais colegas e com os professores.

Percebe-se que estas crianças apresentam também um pouco maior a dificuldade no aprendizado, e que muitas vezes a dificuldade de desenvolver certas habilidades, acaba inibindo-as e tornando as mesmas tímidas ou então agressivas. É a forma que encontram de demonstrar a falta de afeto e compreensão.

Faz-se necessário um acompanhamento educativo social e psicológico destas crianças por parte das diferentes secretarias de assistência, Secretarias de Educação, Saúde e de assistência Social, bem como, da própria escola e de seus profissionais que devem buscar junto às famílias formas de atender as individualidades. Tal atitude se faz necessária no crescimento e envolvimento social de todo cidadão na sociedade, seja ela familiar e ou comunitária.

Assim sendo, acredita-se que o afeto motiva para tal envolvimento e os levará a uma melhor aprendizagem fazendo melhorar o convívio social. Isso acontece na proporção direta do afeto que a família e professor transmitem e que cria uma relação de confiança, permitindo assim a criança se manifestar de forma natural.

Afeto, interesse e desenvolvimento andam juntos. Muitas vezes podemos constatar que entre ambos os lados professor/aluno há uma relação não compreendida, e torna o ambiente da sala de aula uma repressão, por conta da falta de limite que o aluno traz consigo e das dificuldades do professor em lidar com tais questões. É preciso educar com afeto, conhecer particularmente cada aluno e suas necessidades, pois a afetividade é uma condição indispensável na concretização comportamental de um indivíduo. O processo de ensino aprendizado pode ser beneficiado quando o professor e o aluno buscam conhecimento mútuo de suas necessidades, respeitando-se as diferenças.

A indissociabilidade entre cuidar e educar, precisa permear todo o processo pedagógico da escola. As famílias procuram a instituição não apenas para que proporcione aprendizado efetivo do currículo escolar, mas buscam compartilhar com os educadores o cuidado e a educação de seus filhos.

Toda etapa de educação possibilita que ao chegar na escola pela primeira vez, algumas crianças percebem que seus companheiros já dominam algumas habilidades, que possivelmente tenham aprendido na escola. A criança que está na escola desde cedo, já terá aprendido uma serie de coisas relacionadas à educação institucionalizada, o que não acontece com aquelas crianças que não frequentaram escola.

Durante essa etapa, as crianças aprendem uma serie de conteúdos que lhes permite entender o mundo que as envolve e que lhes permitirá compartilhar cada vez mais elementos com os adultos que estão próximos, desde características dos objetos até a compreensão e a capacidade de resolução de problemas do cotidiano.

Para que essa etapa da educação se dê de forma significativa, faz-se necessário uma estreita colaboração entre a família e a escola a fim de conseguir um desenvolvimento harmônico (que não poderia ser integral) da criança. É preciso que pais e educadores estejam em sintonia com aspectos essenciais do desenvolvimento da criança, tais como higiene, saúde e alimentação, respeito, carinho, amor e atenção.

Considerando a importância desses aspectos, podemos afirmar que esta etapa da educação, tem como principais objetivos potencializar e favorecer o desenvolvimento máximo de todas as potencialidades e capacidades, respeitando a diversidade e as possibilidades dos diferentes alunos.

Deve ainda servir para compensar as desigualdades sociais e culturais, pois ao chegar à escola as crianças trazem diferentes experiências e vivências familiares, além de preparar as crianças para um bom acompanhamento da escolaridade obrigatória. Todos os conteúdos e atividades elencadas devem ser adaptados à idade da criança e ao desenvolvimento da turma de acordo com a avaliação do professor.

EDUCAÇÃO FAMILIAR E ESCOLAR, PROCESSO COLETIVO DE AFETIVIDADE

A educação passa a fazer parte de nossas vidas desde que nascemos, aos poucos vamos percebendo o quanto valores e comportamentos das pessoas que nos rodeiam vão nos influenciando na maneira de pensar e agir. Quando passamos a frequentar a escola esse conceito de educação vai se ampliando. Traz-se de casa o conhecimento informal. É função da escola oferecer o conhecimento formal e científico. O papel da escola é permitir ao aluno o acesso a esse conhecimento de forma coletiva, porém oferecendo metodologias que atendam as individualidades. Lembrando que cada criança é um ser único, mas que vive num meio social e precisa interagir no mesmo construindo sua própria história.

Por muito tempo a escola concentrava-se somente em ensinar competências básicas de matemática, da escrita e da leitura aos alunos. No entanto, o conceito de educação não fica restrito apenas em sala de aula, esse conceito de educação vai muito além do que o ato de instruir, ou de simplesmente ensinar a ler e a escrever, trata-se de formar o homem na sua integralidade, preparando para uma vida autônoma.

Para fundamentar o nosso trabalho, buscamos referências em Aurélio Buarque de Holanda Ferreira, que considera o termo educar como:

1. Ato ou efeito de educar (-se).
2. Processo de desenvolvimento da capacidade física, intelectual e moral da criança e do ser humano em geral.
3. Civilidade, polidez (FERREIRA, 2004, p. 172).

Também buscamos fundamentação em Diniz (1998, p. 264) que para o autor, a educação é “ação ou efeito de desenvolver, gradualmente, as faculdades intelectuais, espirituais, físicas e morais do ser humano[...]”.

Como citamos acima, a educação acontece nos mais diversos espaços sociais, podendo ser ela, uma prática educativa formal, aquela que acontece nos espaços escolarizados ou instituições escolares e dá-se de forma intencional e com objetivo determinados, podendo ser também definida como educação escolar. Temos também a prática informal, essa pode sofrer grandes mudanças, das

mais simples às mais radicais de acordo com o grupo e a forma de como se aplica, também ocorre no dia a dia das pessoas, na informalidade.

Educar passa a ser um processo de ensinar, aprender e desenvolver-se potencialidades, exercida nos mais variados e diversos espaços de convívio social.

A educação abrange os processos formativos que se desenvolvem na vida familiar, na convivência humana, no trabalho, nas instituições de ensino e pesquisa, nos movimentos sociais e organizações da sociedade civil e nas manifestações culturais. (Lei de Diretrizes e Base da Educação, Art. I Da Educação).1998.

A prática da educação em busca da participação afetiva da criança deve se organizar de modo que as crianças desenvolvam as seguintes capacidades:

- Desenvolver uma imagem positiva de si, atuando de forma cada vez mais independente, com confiança em suas capacidades e percepção de suas limitações;
- Descobrir e conhecer progressivamente seu próprio corpo, suas potencialidades e seus limites, desenvolvendo e valorizando hábitos de cuidado com a própria saúde e bem-estar;
- Estabelecer vínculos afetivos de troca com adultos e crianças, fortalecendo sua autoestima e ampliando gradativamente suas possibilidades de comunicação e interação social;
- Estabelecer e ampliar cada vez mais as relações sociais, aprendendo aos poucos a articular seus interesses e pontos de vista com os demais, respeitando a diversidade e desenvolvendo atitudes de ajuda e colaboração.
- Observar e explorar o ambiente com atitude de curiosidade, percebendo-se cada vez mais como integrante, dependente e agente transformador do meio ambiente e valorizando atitudes que contribuam para sua conservação.
- Brincar, expressando emoções, sentimentos, pensamentos, desejos e necessidades.
- Utilizar as diferentes linguagens (corporal, musical, plástica, oral e escrita) ajustadas as diferentes intenções e situações de comunicação, de forma a compreender e ser compreendido, expressar suas ideias, sentimentos, necessidades e desejos e avançar no seu processo de construção de significados, enriquecendo cada vez mais sua capacidade expressiva;

Desta forma conclui-se que, a educação é a arte de cultivar, exercitar, desenvolver, fortificar e polir todas as faculdades físicas, intelectuais, morais e religiosas, que constituem na criança a natureza e a dignidade humana; dar a essas faculdades uma perfeita integridade; elevá-las à plenitude da sua força e da sua ação.

Segundo as argumentações de Cunha (2008, p.63) modelo de educação que funciona verdadeiramente é aquele que começa pela necessidade de quem aprende e não pelos conceitos de quem ensina). Ademais, a prática pedagógica para afetar o aprendente deve ser acompanhada por uma atitude vicária do professor.

O professor precisa BUSCAR constantemente uma formula para ensinar que atenda as individualidades de cada criança, ele necessita e de maneiras de se buscar novos saberes através das aprendizagens dos alunos, tendo em mente que para educar é necessário primeiramente ser educado, é preciso saber educar para que seu ato não se torne o oposto do que se busca e deseja. Por isso, educar e ensinar é impossível se não há na pratica amor pelo que faz e afeto com os envolvidos. Tanto que: “A educação é uma arte. Não é uma mera profissão ser educador. Manipulamos a educação com as duas mãos a do afeto e a da lei das regras” (Saltini 2008, p.92). Isso quer dizer, que ser um bom educador é preciso ter comprometimento com a aprendizagem do aluno. A função a escola e do professor vai além da teoria. É preciso preparar o aluno para exercer a cidadania de forma atuante e autônoma, interagindo e transformando o ambiente no qual está inserido.

Segundo Chalita (2001, p.12) “A educação não pode ser vista como um depósito de informações. Há muitas maneiras de transmitir o conhecimento, mas o ato de educar só pode ser feito com afeto, esta ação só pode se concretiza com amor.” Há uma diferença entre transmitir o conhecimento e educar. Transmitir conhecimento não é Educar. Quando muito, é Ensinar.

Já para Augusto Cury em seu livro “Maria, a maior educadora” "Educar é viajar no mundo do outro sem nunca penetrar nele. É usar o que pensamos para nos transformar no que somos. O maior educador não é o que controla, mas o que liberta. Não é o que aponta os erros, mas o que os previne. Não é o que corrige comportamentos, mas o que ensina a refletir. Não é o que observa apenas o que é tangível aos olhos, mas o que vê o invisível. Não é o que desiste facilmente, mas o que estimula sempre a começar de novo. Um bom educador abraça quando todos rejeitam; anima quando todos condenam; aplaude os que nunca subiram ao pódio; vibra com a coragem de disputar dos que ficaram nos últimos lugares. Não procura o seu próprio brilho, mas faz-se pequeno para tornar os seus filhos, alunos e colegas de trabalho grandes."

As demonstrações de carinho, bem como a afetividade nas palavras ditas pelo professor, resultarão na aproximação da criança ao professor, dando segurança ao aluno, quando este necessitar acomodar as informações recebidas, sem que haja repulsão ou aversão ao conteúdo apresentado, ou até mesmo ao próprio ato de aprender algo novo. Quando a criança sente segurança e acolhimento consegue expor suas duvidas para que o educador ajude-o a suprir.

O QUE É AFETIVIDADE?

São as atitudes dos pais que estimulam e auxiliam no desenvolvimento mental, emocional e de socialização da criança, sendo sua expressividade possibilitada por meio prioritariamente corporal, o que indica a satisfação ou não de suas necessidades de sobrevivência e daquilo que lhe traz agrado. A escola tem um papel fundamental sobre o desenvolvimento afetivo da criança que desde cedo vem para escola e precisa encontrar nela um lugar acolhedor e receptivo para ser acolhida e se desprender da família com segurança sem afetar seu psicológico e conseqüentemente sua aprendizagem.

Segundo Ferreira (1999 p.62) diz que:

A afetividade (afeto + idade) qualidade psíquica, conjunto de fenômenos psíquicos. Que se manifesta sob a forma de emoções, sentimentos e paixões, acompanhadas sempre de impressão de dor ou prazer, de satisfação ou insatisfação, de agrado ou desagradado, de alegria ou tristeza.

De acordo com a afirmação acima, a afetividade esta relacionada diretamente a todas as formas de sentimentos e gestos às vivências humanas, e exerce um papel fundamental, além de influenciar decisivamente a percepção, a memória, o pensamento, a vontade e as ações, é um componente essencial da harmonia e do equilíbrio da personalidade humana proporcionando seu bem estar.

A vivência emocional e a qualidade das experiências e dos laços afetivos são muito importantes para o desenvolvimento humano. As experiências nestes primeiros anos de vida são as que contribuem para que o ser humano estabeleça determinados padrões de conduta e formas de lidar com as próprias emoções. (LIMA e SOUZA, 2001 p.12)

As relações e laços criados pela afetividade não são baseadas somente em sentimentos, mas também em forma de gestos, sendo de grande influência, e muitas vezes decisiva para a formação da personalidade e sobre as relações sociais ao longo da vida. A afetividade potencia o ser humano a revelar os seus sentimentos em relação aos outros seres e objetos. Graças à afetividade, as pessoas conseguem criar laços de amizade, aprender a cuidar adequadamente de todas essas emoções que vivenciamos, nos proporcionando uma vida emocional plena e equilibrada, possibilitando a construção de relações saudáveis entre os indivíduos.

A AFETIVIDADE NA RELAÇÃO PROFESSOR E ALUNO

Por muito tempo, quando se falava em educação escolar o que se pensava era numa sala de aula, professor e aluno. O professor visto como um transmissor do conhecimento, centrado ainda no autoritarismo. O aluno sem poder questionar e muito menos expor suas ideias, era um simples receptor desse conhecimento transmitido. Vivemos hoje em tempos diferentes, a relação professor aluno que antes era “fria” e sem muita aproximação, hoje necessita de uma relação que ultrapasse os limites profissionais e escolares, pois esse contato, essa relação envolve sentimentos e deixam

marcas, não que esses sentimentos não existiam antes, mas até então não se pensava no bem estar do aluno, se o mesmo estava ali era pra aprender a ler e escrever e não se relacionar e criar laços entre eles. A relação professor aluno é o ponto de partida para um bom desempenho no processo de ensino-aprendizagem, facilitando a produtividade para ambas as partes.

Vygotsky (1976, p. 78), diz que relação professor-aluno não deve ser uma relação de imposição, mas sim, uma relação de cooperação, de respeito e de crescimento, no qual o aluno deve ser considerado como um sujeito interativo e ativo no seu processo de construção de conhecimento. Assumindo o educador um papel fundamental nesse processo, como um indivíduo mais experiente. Por essa razão cabe ao professor considerar também, o que o aluno já sabe, sua bagagem cultural e intelectual, para a construção da aprendizagem.

A construção do conhecimento se dá a partir da troca de informações de forma coletiva, o professor respeitando a bagagem de informação do aluno mediando para que se chegue ao conhecimento.

Segundo Cury (2008, p.48) diz que:

[...] a afetividade deve estar presente na práxis do educador [...] os educadores, apesar das suas dificuldades são insubstituíveis, porque a gentileza, a solidariedade, a tolerância, a inclusão, os sentimentos altruísta, enfim todas as áreas da sensibilidade não podem ser ensinados por máquinas, e sim por seres humanos.

O professor pode estimular o aluno para uma boa relação com o uso de boas doses de afeto e compreensão despertando no educando a curiosidade e o gosto pelo saber. O afeto é o mecanismo de ativação de todo esse processo emocional, cognitivo e social que desemboca na construção do conhecimento, e como diz o autor, máquina não põe afeto naquilo que faz, já o professor consegue através do afeto lidar com os anseios e as necessidades de cada um, transformando de maneira positiva a vida de seus alunos.

Difícilmente os alunos por si só despertam o prazer por aprender, ainda mais se não houver motivação para desenvolver determinada atividade, geralmente o gosto pelo aprender não é uma atividade que surge espontaneamente nos alunos, pois o conceito de aprender muitas vezes não é entendido como uma satisfação, e sim como uma obrigação. Aprender só se torna mais interessante quando sentimos motivados e competentes pelas atitudes e métodos de motivação em sala de aula.

Assim, o professor consegue influenciar na conduta de seus alunos através de um bom diálogo, de uma transmissão de sentimentos, tanto de afetividade como de cumplicidade. Dessa

forma, percebe-se que a efetividade é responsável e determinante no tipo de relacionamento entre o professor e aluno.

No entanto, Cunha (2008,p.51) diz que:

O afeto, sendo em qualquer que seja a circunstância, é o primeiro caminho para a conquista da atenção do aprendiz. Ele é um meio facilitador para a educação. Irrompe em lugares, que muitas vezes estão fechados as possibilidades acadêmicas. Considerando o nível de dispensam, conflitos familiares e pessoais e até comportamentos agressivos, na escola hoje em dia seria difícil encontrar algum outro mecanismo de auxílio ao professor mais eficaz.

De fato, o afeto é uma importante ferramenta no auxílio ao professor. Essa relação do professor com os alunos deve ser muito instigante, sempre aberta ao diálogo e a troca, criando atmosfera de igualdade e que permita que esta relação professor- aluno extrapole os limites do “ensino-aprendizagem” criando com o grupo um relacionamento afetivo.

Educar exige respeito aos saberes dos educandos. Respeito é uma dimensão do afeto. Em palavras mais simplificadas pensar certo exige respeito aos saberes com os quais os educandos chegam na escola e também discutir com eles a razão desses saberes em relação com o ensino de conteúdos. É valorizar e qualificar a experiência dos educandos e aproveitar para discutir os problemas sociais e ecológicos, a realidade concreta a que se deva associar a disciplina, estudar as implicações sociais nefastas do descaso dos mandantes, a ética de classe embutida nesse descaso (FREIRE, 1999:33-34).

Quando um professor não demonstra afeto em sua relação com os alunos, os exclui não se sensibiliza e não se preocupa em buscar uma solução para aqueles que apresentam alguma dificuldade de aprendizagem como a leitura ou a escrita, o aluno conseqüentemente apresentará uma falta de motivação durante todo o processo de ensino e de aprendizagem. O professor precisa estar em permanente aprendizado, ele precisa mediar sua aula de maneira construtiva, participativa, afetiva, e evidenciar a educação pautada na valorização da experiência e na realidade do aluno proporcionando ao mesmo, oportunidades de construção de novos conhecimentos.

Para Piaget (1976, p.16) o afeto é essencial para o funcionamento da inteligência.

(...) vida afetiva e vida cognitiva são inseparáveis, embora distintas. E são inseparáveis porque todo o intercâmbio com o meio pressupõe ao mesmo tempo estruturação e valorização. Assim é que não poderia raciocinar, inclusive em matemática, sem vivenciar certos sentimentos, e que por outro lado, não existem afeições sem um mínimo de compreensão.

De acordo com os autores acima citados, sem afeto não há interesse, necessidade e motivação pela aprendizagem, não há questionamento e, portanto não há desenvolvimento mental. A afetividade e cognição se complementam e uma dá suporte ao desenvolvimento da outra. Para

PIAGET (1976), o afeto pode acelerar ou retardar o desenvolvimento das estruturas cognitivas. O afeto acelera o desenvolvimento das estruturas, no caso de interesse e necessidade, e retarda quando a situação afetiva é obstáculo para o desenvolvimento intelectual. A afetividade não explica a construção da inteligência, mas as construções mentais são permeadas pelo aspecto afetivo. Toda conduta tem um aspecto cognitivo e um afetivo, e um não funciona sem o outro.

Ensinar exige alegria esperança comprometimento. Um trabalho realizado com amor resulta na conexão com a nossa vitalidade, com o potencial de um grupo unido numa luta comum, vinculado pelos laços afetivos. Paulo Freire sempre se envolveu com alegria em sua prática educativa. Isto fazia o clima do espaço pedagógico. “Há uma relação entre a alegria necessária a prática educativa e a esperança. A esperança de que professor e aluno juntos podemos aprender, ensinar, inquietar-nos, produzir e, juntos, igualmente resistir aos obstáculos à nossa alegria” (FREIRE, 1999:80). “A esperança faz parte da natureza humana. Consciente do inacabamento estou predisposto a participar do movimento constante de busca. A esperança é uma espécie de ímpeto natural possível e necessário, é um tempero indispensável à experiência histórica. Sou um ser de esperança. Uma das nossas brigas como seres humanos deve ser dada no sentido de diminuir as razões objetivas para a desesperança que nos imobiliza” (FREIRE, 1999:80-81).

Sem afeto é possível à negação dos sonhos, das utopias, da esperança. Freire denuncia que a desproblematização do futuro numa compreensão mecanicista da história, de direita ou de esquerda leva necessariamente à morte ou à negação autoritária do sonho, da utopia, da esperança. É uma violenta ruptura com a natureza humana social e historicamente constituindo-se.

CONCLUSÃO

O tema abordado neste estudo, acerca da afetividade e aprendizagem: relação professor/aluno é muito importante para que todos educadores reflitam no fazer como educador dentro de uma sala de aula. Se faz necessário que o professor entenda que o lugar que ele ocupa em relação aos seus alunos não é apenas daquele que ensina, mas sim daquele que deixa marcas.

Para isso, é de fundamental importância que o professor esteja consciente de sua responsabilidade, tomando decisões de acordo com os valores morais e as relações sociais de sua prática, considerando ainda, as condições de vida familiar e social de seus alunos. A relação de afetividade professor/aluno enfatizando o respeito unilateral da criança pelo adulto sendo este

trabalhado em cooperação da convivência em grupo a partir da experiência histórica de cada uma e de seu próprio nível de desenvolvimento.

Sem afeto é possível à negação dos sonhos, das utopias, da esperança. Freire denuncia que a desproblematização do futuro numa compreensão mecanicista da história, de direita ou de esquerda leva necessariamente à morte ou à negação autoritária do sonho, da utopia, da esperança. É uma violenta ruptura com a natureza humana social e historicamente constituindo-se.

Enfim, fica evidente a importância de todos nós educadores na vida do aluno, acreditando que o professor faz a diferença. Não podemos deixar de reconhecer que a escola, portanto, deve voltar-se para a qualidade de suas ações e relações, valorizando o desenvolvimento afetivo, social e não apenas o cognitivo, como elementos fundamentais no desenvolvimento do aluno para como um todo.

Referencias

BRASIL, Lei de Diretrizes e B. Lei nº 9.394/96, de 20 de dezembro de 1996.

CAPELATTO, Ivan Roberto. **Educação com afeto**. São Paulo: Fundação Educar Dpaschoal, 2012.

CHALITA, Gabriel. **Educação: a solução está no afeto**. São Paulo: Gente, 2001.

CUNHA, Antonio Eugenio. **Afeto e aprendizagem, relação de amorosidade e saber na pratica pedagógica**. Rio de Janeiro: Wak 2008.

CURY, Augusto. Maria, a maior educadora da História. 2007

CURY, Augusto. Pais Brilhantes, Professores Fascinantes. Rio de Janeiro: Sextante, 2008.

DINIZ, Maria Helena. **Dicionário jurídico**. São Paulo: Saraiva, 1998.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Miniaurélio**: o dicionário da língua portuguesa. 6. ed. rev. e ampl. Curitiba: Positivo, c2004.

LIMA, Elvira Souza. **Como a criança pequena se desenvolve**. Rio de Janeiro: Sobradinho, 2001.

MARCHAND, Marx. **A afetividade do educador**. São Paulo: Summus, 1985.

PIAGET, Jean. A Construção do Real na Criança. Rio de Janeiro: Zahar, 1976.

SATINI, Cláudio J.p. Afetividade e Inteligência. Rio de Janeiro Wak, 2008.

ROUSSEAU, Jean Jacques. Projeto para a educação do Senhor de Sainte-Marie. Edição bilíngüe. Paraula, 1994.